



ESTADO DA PARAÍBA
CASA DE NAPOLEÃO LAUREANO
Gabinete do Vereador Marcos Henriques

Projeto de Lei Ordinário nº _____/2025.

AUTORIA: VEREADOR MARCOS HENRIQUES (PT)

INCLUI NO ANEXO ÚNICO DA LEI ORDINÁRIA Nº 13.768/2019, QUE CONSOLIDA A LEGISLAÇÃO MUNICIPAL REFERENTE A DATAS COMEMORATIVAS, EVENTOS E FERIADOS, O “DIA EM MEMÓRIA ÀS VÍTIMAS DA TRAGÉDIA DA LAGOA”.

A CÂMARA MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA, ESTADO DA PARAÍBA, no uso das atribuições legais, faz saber que o Poder Legislativo aprova o seguinte Projeto de Lei:

Art. 1º Fica incluído no Anexo Único da Lei Ordinária nº 13.768, de 04 de julho de 2019, que consolida a legislação municipal referente a datas comemorativas, eventos e feriados do Município de João Pessoa, o **“Dia em Memória às Vítimas da Tragédia da Lagoa”, a ser celebrado anualmente em 24 de agosto.**

Parágrafo único. O Poder Executivo definirá o local para a instalação de um Memorial alusivo à data, com a finalidade de resgatar a memória do evento e marcar a data especificada no caput deste artigo.

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

João Pessoa, 22 de agosto de 2025.



MARCOS HENRIQUES
Vereador - PT

JUSTIFICATIVA

O presente Projeto de Lei Ordinária tem por objetivo instituir uma data anual em memória da tragédia ocorrida na Lagoa do Parque Solon de Lucena, em 24 de agosto de 1975, bem como a criação de um memorial em homenagem às vítimas do naufrágio que ceifou 35 vidas, entre elas 29 crianças.

Este episódio representa uma das maiores tragédias da história de João Pessoa e da Paraíba, marcando profundamente a memória coletiva da cidade. Ao instituir uma data comemorativa e um memorial, o município presta homenagem às vítimas, oferece à sociedade um espaço de reflexão e preserva a história local para as gerações futuras.

Além do caráter de memória e respeito às vítimas, a iniciativa contribui para a educação e a conscientização sobre segurança em ambientes aquáticos, reforçando a importância de medidas preventivas para evitar acidentes similares.

Dessa forma, a proposta busca garantir que a lembrança desta tragédia nunca se perca, promovendo justiça simbólica às famílias afetadas e fortalecendo a cultura da memória histórica em João Pessoa.

REPORTAGEM UOL, 22/08/2025.

Tragédia da Lagoa de João Pessoa completa meio século quase esquecida

50 anos atrás, no dia 24 de agosto de 1975, a cidade de João Pessoa viveu o pior drama da sua história — e num dia que deveria ter sido de festa.

Naquele dia, um domingo, estava sendo festejado o Dia do Soldado, e para comemorar a data o Exército havia programado uma série de atividades para a população no então principal ponto de entretenimento da cidade, o parque que rodeava a lagoa Solon de Lucena, bem no centro da capital paraibana

Haveria exposição de armas, de carros de combates e uma atração extra: um passeio de barco em volta da lagoa, a bordo de uma espécie de balsa usada pelo Exército para transportar mercadorias, mas que naquele dia levaria pessoas.

Seria um passeio diferente, que, por isso mesmo, empolgava os visitantes da festa, especialmente as crianças.

Desde o começo do dia, uma longa fila se formou nas margens da lagoa, com os interessados em navegar naquela balsa. E ficou assim o dia inteiro.

Até que, no final da tarde, quando já estava quase anoitecendo e a festa terminando, os soldados encarregados de organizar a fila avisaram que aquela seria a última viagem.

E foi mesmo - da pior forma possível.

Alguns minutos depois, aquele alegre passeio de barco em volta da lagoa - que não durava mais que dez minutos, já que a lagoa tinha o tamanho de dois quarteirões da

cidade - se transformou em uma tragédia, que custou a vida de muitas pessoas, sobretudo crianças - um dos piores desastres da história da Paraíba, embora tenha ocorrido dentro de uma pacata lagoa, a míseros metros da margem, bem no centro da capital do estado.

200 em vez de 50

Tudo começou com aquele aviso de que aquela seria a última saída da balsa.

Quando quem estava no fim da fila percebeu que não embarcaria, todos correram, a fim de garantir um lugar.

E a consequência disso foi que embarcou muito mais gente do que devia. Cerca de 200 pessoas, quando a capacidade da balsa era para pouco mais de 50.

Os soldados até tentaram conter a multidão, mas logo desistiram.

E a balsa partiu, superlotada.

Mas, poucos metros depois, começou a afundar, pelo excesso de peso.

Assustadas, as pessoas passaram para a parte da balsa que ainda estava seca. Mas o acúmulo de gente no mesmo lado fez o barco virar de vez.

Todos foram parar dentro d'água, em um ponto onde a lagoa passava dos cinco metros profundidade.

Não havia boias, ninguém vestia colete salva-vidas e poucos sabiam nadar, até porque a maioria dos passageiros da balsa eram crianças - o cenário perfeito para uma improvável tragédia aquática, a míseros metros das ruas da cidade.

Um afogava o outro

Com exceção das crianças, o que matou as pessoas foi também o pânico

Ao caírem na água, elas se agaravam umas às outras, e com isso afogavam até quem sabia nadar.

Foi o que aconteceu com o maior herói daquele dia, o sargento Reginaldo Calixto, que estava de folga e apenas passeava pela lagoa aquele domingo.

Quando ele ouviu as pessoas gritando, se atirou na água da lagoa e tratou de puxar para a margem quem ele encontrava pela frente. Especialmente as crianças.

Fez isso duas ou três vezes, até que virou vítima das próprias pessoas que tentava salvar: foi agarrado por naufragos desesperados e morreu afogado.

Pescando cadáveres

Fora ele, praticamente ninguém entrou na água da lagoa para ajudar os naufragos - todos ficaram nas margens, acompanhando aquele tétrico espetáculo.

Só quando o Corpo de Bombeiros chegou ao local, alertado por um radialista que testemunhou o desastre e correu para a rádio na qual trabalhava a fim de convocar a população da cidade a ajudar, é que começaram os resgastes - já então de corpos, e não mais de sobreviventes.

O recolhimento dos corpos foi feito com redes de pesca, que traziam cadáveres em vez de peixes, porque a água escura da lagoa não permitia enxergá-los da superfície - e não houve tempo para chamar mergulhadores.

O resgate dos corpos durou mais de 24 horas, até porque, como não se sabia quantas pessoas havia na balsa, era impossível saber quantos haviam morrido no desastre.

O Brasil nunca tinha visto nada igual.

Muito menos em uma lagoa urbana, no centro de uma capital.

Mas, como na época o Brasil vivia o regime militar - e aquela festa fora organizada pelo próprio Exército - , a tragédia foi abafada e pouco repercutiu fora da cidade.

Tempos depois, o inquérito que investigou o caso apontou o Exército como responsável pelo acidente, por ter permitido o excesso de pessoas na balsa e sem nenhum tipo de proteção.

Mas ninguém foi punido. Até hoje.

Nenhuma referência à tragédia

Atualmente, a lagoa Solon de Lucena continua sendo um concorrido parque urbano na capital paraibana, com gramados bem cuidados, pista de caminhada e muitos brinquedos de parques de diversões para as crianças.

E tal qual 50 anos atrás, ainda costuma lotar de famílias, nos fins de semana

Mas, apesar das dimensões daquela tragédia que marcaria para sempre a história da Paraíba, não há nenhuma placa, menção ou homenagem às vítimas do desastre no entorno da lagoa.

Possivelmente para não gerar incômodo nos visitantes, com as lembranças tristes de um local feito para descontrair as pessoas.

Mas, se depender apenas da vontade do professor de história da Universidade Federal da Paraíba, Ângelo Emílio da Silva Pessoa, isso pode mudar.

Ele defende a criação de um memorial no entorno da lagoa em homenagem às vítimas, e tem motivos pessoais para isso: não fosse a intuição de sua mãe, ele próprio poderia ter sido mais uma delas.

"Eu tinha oito anos de idade e queria muito ir no passeio do barco. Mas minha mãe não achou seguro, e não quis embarcar", explicou ele, recentemente, ao portal A União.

O professor Ângelo também defende que a criação de um memorial é um dever cívico que a governança da capital da Paraíba precisa colocar em prática, para que aquela tragédia não caia no esquecimento, o que, de certa forma, já vem acontecendo, especialmente entre os mais jovens.

Atualmente, só os frequentadores mais antigos do parque da lagoa Solon de Lucena sabem o que aconteceu ali, naquele domingo ensolarado de 24 de agosto, meio século atrás.

"Eu perdi um colega de escola naquele dia, e só não morri também porque não consegui embarcar na balsa", lembra um velho frequentador da lagoa, que hoje trabalha no serviço de limpeza do próprio parque.

"Todo dia, eu olho para a lagoa e lembro do pessoal se debatendo na água, pedindo socorro. Mas eu era uma criança e não podia fazer nada. Lembro também que fiquei muito tempo tendo pesadelos à noite, e minha mãe vinha me acudir na cama", recorda o funcionário, um dos poucos do parque que lembra do caso - uma pavorosa história que pode ser conferida clicando aqui, ou assistindo um vídeo recém-lançado sobre a Tragédia da Lagoa.

Fonte: <https://www.uol.com.br/nossa/colunas/historias-do-mar/2025/08/22/tragedia-da-lagoa-de-joao-pessoa-completa-meio-seculo-quase-esquecida.htm>

João Pessoa, 22 de agosto de 2025.



MARCOS HENRIQUES
Vereador - PT